

3 1761 07138098 4



BT  
580  
O8H423





Nº 59 E

Pr. 400 R<sup>s</sup>

MONY

Enda

# O CLERO

E O

SR. ALEXANDRE HERCULANO.

6-  
P. 1112



LISBOA.

Imprensa de Francisco Xavier de Souza,  
Rua da Condeza N.º 19.

1850.

ST  
520  
H423



## **O CLERO E O SR. A. HERCULANO.**

---

**É** lida, com fervoroso interesse e applauso, a carta communicada pelo Sr. Alexandre Herculano ao E.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha de Lisboa.

Não ha espiritos de controversia, nem refutações a esperar. Rebatido um argumento, como lá se vê, é assim que se remata uma questão.

Verdade, sentimento, historia, e poesia — são a contextura de — **EU E O CLERO**. É um triumpho; mas o vencedor, no arraial dos vencidos, olha compassivo os pedaços da hoste desbaratada, crusa os braços, e exclama: — «Coitada da ignorancia!...»

Quizeramos chamar ao Sr. Herculano o facho illuminador de prestigios aposentados na escuridade intellectual do maior numero de portuguezes... mas — nada de lisonjarias — muito tempo ha, que um compendio d' historia, sem dizer-nos o porque, duvidava da apparição de Christo ao fundador da

•

monarchia. Agora, sim — sabe-se como pensavam os scepticos do milagre; vê-se que o raciocinio e religião vivem n'um abraço muito cingido; e, portanto, bemdita esmola foi essa que nos veio d'um desforço — esmola de caridade tão incompativel na apparencia com o sentimento que a inspirou; — finalmente, fructo saboroso sacudido da arvore da sciencia por tufão violento.

**EU E O CLERO.** — *Eu* — representa uma intelligencia superior nas letras portuguezas do seculo 19. Não é uma intelligencia perecedoura como o *metheoro* que passa; tem no seu brilhar a perpetuidade dos luzeiros celestes; mas, mais agraciado que elles, não é dado aos outros cá em baixo eclipsal-o. Homens, que fazem a litteratura de um seculo, passam desafrontados e sosiuhos na ecliptica da sabedoria.

*O Clero* — representa os padres portuguezes. Estes, divina e humanamente escrevendo, representam a classe que, d'antes, ensinava aqui aos reis e aos povos a vereda que levava ao ceo, algumas vezes. O padre, ungido entre os preceitos do Altissimo, e corações tão rudes como crentes, era o enlace d'ambas as philosophias — a do ceo, e a terrena. Depois, materializado, empobrecido, e desalentado no seu abandono — o pobre do clero assim rachytico e passivo — é como elle estava na época em que este paiz saudou o natalicio da *historia de Portugal* do Sr. Alexandre Herculano.

Não está bem definido ainda o titulo d'aquella carta. É um appellido d'estudar: um pretexto para dois *folios* no seculo de S. Bernardo; e para nós — é uma idéa mais intima de sentimento e funebre



magestade que o simples titulo de uma carta. Depois diremos porque.

« É debaixo da impressão de vivo desgosto, e « cedendo enfim ao impulso de uma justa indignação, que derijo a V. Em.<sup>a</sup> esta carta. »

Estas são as tres primeiras linhas da carta do Sr. Herculano, vivamente indignado e desgostoso, por que do alto do pulpito foram tachadas de hereticas uma nota do primeiro, e algumas opiniões do segundo volume da sua *historia de Portugal*. O Sr. Herculano, porém, alcunhado d'impio, herege, e atheu, é tão forte das suas boas convicções, que, por uma severa e terminante decisão do tribunal da sua consciencia, declara — « que não pede desagravo das « offensas que lhe fazem. De natureza são ellas que « não precisa que outro as puna. Que sabe e pôde « fazel-o, se cumprir, de modo que sirva d'escar- « mento á ignorancia perversa, e á hypocrisia insen- « sata. . . Que o poupem a dar uma dura lição a « individuos, que desconhecendo os deveres do sacer- « docio tentam excitar as paixões odientas de um « fanatismo que nem talvez o povo comprêhende. . . »

A heresia é uma adhesão obstinada a opiniões oppostas ao dogma e ás decisões da igreja. Mas a igreja não decidiu pela veracidade do milagre d'Ou-rique; nem o apparecimento do Crucifixo ao fundador de Portugal é uma das verdades praticas e especulativas da religião, que nos dirigem na fé, para que deva chamar-se-lhe *dogma*.

Assim discutida a controversia, provava-se que não ha nada de commum entre o Sr. A. Herculano e os hereticos, entre a negativa da apparição e o calvinismo, entre a independencia do historiador e

o affrontamento ao mysterio da Eucharistia. Os padres, que o accusassem na alçada competente eram convictos de visionários, pagavam as custas, e o réo absolvido, vinha, contente do seu optimo raciocinio, rever-se nas paginas independentes da sua preciosissima *historia de Portugal*.

Mas não é este o tempo das submissões espontaneas, nem os brios do muito saber do Sr. A. Herculano consentiam que a egreja se irrogasse uma censura sobre os seus escriptos: de certo não — que bem claro o diz elle: « O meu intuito é apenas « rogar directamente a V. E.<sup>ma</sup>, e indirectamente aos « de mais prelados de Portugal, a cujas mãos chegar esta carta por intervenção da imprensa, que « obstando a novas provocações da parte do clero me « poupem a dar uma dura lição. . . » Por consequencia, a orthodoxia da sua obra decidiu-a o seu author: o que elle não quer é provocações de pulpito, malfeitas por padres de quem o Sr. A. Herculano *se não lembra, por que tem cousas mais serias em que cogitar*.

Esta perdoavel liberdade de ameaçar — isto que parece um risonho despotismo de sabio, mas que não passa de *uma justa indignação*, lá é mais adiante amenisado de frases pias, mansas, e verdadeiramente christãs.

« Se eu tivesse proferido alguma heresia, os prelados portuguezes e em particular V. E.<sup>ma</sup>, como « meu pastor, não seriam capazes de faltar aos seus « mais estrictos deveres, deixando de me advertir « do erro com caridade evangelica, e de me condemnar se eu insistisse nelle. »

D'aqui iufire-se não uma hyronia de mediana intelligencia; mas a sensatez de quem conhece as im-

perfeições dos juizos humanos — embora o Sr. Herculano, uma pagina antes, affirme *que a sua resolução inabalavel é desprezar todos os respeitos humanos que se contraponham á voz da propria consciencia.* Mas se o illustre historiador, da altesa dos seus juizos, absolve as obras da sua consciencia, como poderiam prelados portuguezes advertil-o do erro com caridade evangelica, e, de mais a mais — condemnal-o!?

Quando, ha quatro annos, appareceu o 1.º volume da *Historia de Portugal*, e, um anno depois, o 2.º, houve um egresso, que, do pulpito de uma das egrejas de Braga, condemnou d'irreligiosa a opinião do profundo historiador a respeito da appareção de Christo a Affonso Henriques — e da crueldade com que por ella eram tratados Gregorio VII e Innocencio III.

O bom do frade que amava os bons escriptos dos grandes homens, é natural que pèdisse emprestados os livros do Sr. Herculano, para os lêr. Pode ser que a alma do egresso, desvalido na actualidade, pascesse nas grandezas do passado o alimento espiritual das crenças; e quem sabe mesmo se ellas mais fundas lhe reviveram no coração quando em algures encontrára estas consoladoras palavras do Sr. A. Herculano:

«... Dessa frouxidão dos laços sociaes nasceu a nação portugueza... Mas os seus primeiros dias foram tempestuosos; e no modo porque esta planta debil e tenra pôde escapar ás repetidas procellas, que a cercavam nos seus primeiros dias de vegetação, descobrem os olhos mais incredulos a mão da Providencia!! (1) Quem sabe!?

(1) *Panorama* — Vol. 2.º — Serie 2.ª — Pag. 10.

O egresso cria piedosamente no milagre. Comparando os dias de hoje com os de Julho de 1139, parecia-lhe que o braço visível de Deus abençoára este solo como herdade de christãos, — outo seculos depois, — vasto sepulcro dos envilecidos ministros do Christianismo. Coitado! —urgia-lhe, talvez, a necessidade de um bocado de pão, que a philosophia lhe não esmolava, e verteú sobre um auditorio que o não entendia, um pouco daquelle absynthio amargo, justo, e sancto como o do coração de um martyr.

De mais, o frade, que recebêra alguma educação no convento, lêra com bons humores a biographia dos Pontifices Gregorio VII e Innoceneio III. Vira que n'estas duas cabeças visiveis não moravam *sómente intelligencias corruptas, cobiçosas, e violentas*. Escandalisou-se na sua boa fé, e quiz talvez dizer — que Gregorio VII era citado, por epithetos degradantes, e impiamente offensivos á moral religiosa, a comparecer no seculo 19: — a elle papa, que, possuido de todo o zello da sua dignidade celeste, guerreára animosamente a prepotencia que os imperadores do occidente — durante o pontificado de Alexandre II, tentaram exercer sobre a investidura, meramente divina, dos prelados nos bens espirituaes de seus territorios. Quereria dizer que o religioso e sabio pontifice, presidindo a um dos concilios romanos, convencêra, e convertêra o herege arcediago *d'Angers*, que atacava o dógma da Eucharystia. É crível que a boa fé do frade colorisse as guerras de guelfos e gibelinos com a tintura mystica da Religião; e, fazendo-o, não teria decerto quem por lá o convencesse do contrario. Possuindo-se talvez do en-

thusiasmo religioso das primeiras conquistas da Terra-Sancta, exaltaria Gregorio VII, que primeiro concebêra o informemente grandioso plano das cruzadas. O seu *Racine* ter-lhe-hia dito que as virtudes de Gregorio eram as do homem de puiissimos costumes, não obstante algum delicto a que o forçassem as desordens da egreja allemãa, as invectivas traiçoeiras dos imperadores, e as falsas decretaes de seu antecessor. . . . A respeito de Innocencio III, character semelhante ao de Gregorio VII— que não pensaria de bem o franciscano, recordando-se que, durante o seu pontificado, nasceram as quatro primeiras ordens mendicantes, ás quaes realmente pertencia o egresso, pobre de tudo, rico sómente de crenças e amor de Deus?

Esta é a noticia da primeira aggressão que magoou o Sr. Herculano. Julgou primeiro S. S.<sup>a</sup> que isto não passára de um *impulso de fanatismo individual*; mais tarde, occorrencias da mesma natureza *desenganaram-n'o de que o facto pertencia a um systema organizado d'agressão*. Humildemente aqui diremos que não é o segundo juizo que prevalece. Os pedaços dispersos desse vulto odiado, chamado o velho clero dos mosteiros, só a mão do SENHOR poderia reunil-os para se organisarem em systema d'agressão ao Sr. Herculano. Os que não expiraram indefesos, ou em defesa, perderam á força de comprimidos e annullados a propria consciencia da sua importancia de homens: uns acabam, vivendo das sopas de um parente, e outros mendigando pelas aldeias do norte o alimento que lhe não dá a parca esmola de uma missa. Destes ellementos não se organisa um corpo systematico de aggressão lit-

teraria ; nem as astucias sanguinarias da politica podem contar com elles para resarem um *de profundis* sobre o cadaver da victima que expirou na lucta. Para esses é morta a esperanza de melhorarem nesta vida : vivem para depois do tumulo, onde não ha o roubo e a penuria, nem a mentira das promessas que lhes ha feito a

Religião, do misero conforto,

Abrigo extremo da alma que ha mirrado

O longo agonisar. . . . .

Da deshonra, do exilio, ou da injustiça. . . (1)

Trez partes do paiz ignorava a publicação da *Historia de Portugal*. Infelizmente. Muitas que fossem n'ella as heresias não era de temer que o contagio affectasse a consciencia do povo para quem o prestigio religioso é mais real de veneração que os codigos civis e criminaes.

O livro, que repellia de si a existencia de um milagre tradicional, foi o pregão de um padre que o denunciou. Este milagre era querido do povo, sempre apaixonado pelo maravilhoso : — deram-lhe no espirito impressionavel uma sensação tristissima com uma tal novidade. Quererem expolial-o assim da sua herança de crenças — dizerem-lhe pela boca indignada do clero — que a appareção do CURISTO no berço d'esta terra, fôra um serzido de mentiras fradescas ; e, por fim, mostraram-lhe o sudario de torpezas em que dormiam o somno eterno dous representantes de Deus na terra. . . tudo isto, não escri-

(1) O Sr. A. Herculano — A Arrabida. . . . .

pto assim, mas pintado na tella quebradiça da rudeza do povo, era que forte accusação d'impiedade, para que o nome do Sr. Herculano descesse do pulpito como uma dessas apostrofes colericas a Satanaz na tarde de *sexta feira de paixão*.

Pésa, por tanto, severa responsabilidade sobre o primeiro orador que denunciou ao bom auditorio de Braga a abolição do milagre, ou da *tradicção absurda*, ou *fabula do apparecimento de Christo*, como lhe chamou o Sr. Herculano.

Tão alto no seu estylo como despegado das intelligencias vulgares, aquelle excellente escriptor não escreveu historia para este nosso povo de coração inculto, e desfallecido d'espíritos religiosos. Ninguém me diga que o saudoso cantor do vivo crer de nossos avós — n'uma época de desalento e immoralidade, tentára accercar-se das multidões ignaras para convencel-as do *milagre absurdo e inutil do apparecimento de Christo!*

Não. O Sr. A. Herculano disséra em 1843: « Pobres, fracos, humilhados, depois dos tão formosos dias de poderio e renome, que nos resta senão o passado? Lá temos o thesouro de nossos affectos e contentamentos em quanto no presente só achamos vacuo e tristeza. Esqueçamo-nos pois d'elle, e vivamos vida melhor, a de nossos avós. (1) »

E quaes affectos e contentamentos são os do povo? As victorias de Cambaia? As cutiladas prodigiosas d'Aljubarrota? As paixões adulteras de Leonor Telles? O decoro monarchico de Sancho II e Affonso VI?

(1) *Panorama* citado.

O povo ignora esse passado de más recordações. *Affectos e contentamentos* sorriem-lhe a elle por detrás do vaporoso das tradições, onde incensa o sublime religioso. — Affonso Henriques, prostrado em face de Christo, recebendo alentos do céo para o desbarate de cinco reis mouros — é tudo o que o povo contava da historia de outro seculos.

O Sr. Herculano sabe verdadeiramente o que isto é; e em prova do seu grande amor pelos affectos gravados no coração do que se abraça ás crenças da infancia, o Sr. Herculano graciosa e caridosamente diz: «Se Deus pedesse fazer milagres «absurdos e inuteis como o da appareição, eu preferiria ver-me convertido em cerzidor e carpidor «de farrapos parenticos a ter de accusar-me de «uma acção, que não sei qual seria mais, se cobarde, se despedada.»

Vêde como bem se exprime a erudição generosa, quando um ancião respeitavel, visitado, nos ultimos dias da vida, pelo livro do Sr. Herculano, encontra ali desfeitas as illusões de sua alma — essas que suavemente o despediam deste mundo — a elle que, no ir-se para Deus, as legaria intactas a seus filhos! O ancião, dorido d'este triste desengano, escrevêra votando, supplicando a conservação do milagre. O Sr. Herculano, porém, soffrendo o *seu amor proprio*, como ainda mais modestamente diz, evitou que os *apupos do publico a um pobre velho*, derramassem a afflicção sobre o leito doloroso do decrepito enfermo e angustiado.

S. S.<sup>o</sup> previu a peor face do porvir.

Quem sabe se o publico apuparia as crenças do velho? E quem pode crer que o escriptor honesto



escrevesse chocarrices, que o publico decorasse, para apupar o pobre velho no leito da dôr?!

Como é bello repetir estas palavras do Sr. Herculano escriptas em 1843: « . . . Mas a monarchia « portugueza estava decretada na mente de Deus. Es- « te paiz cujos destinos eram conquistar para o Chris- « tianismo e para a civilisação tres partes do mun- « do, devia ter em recompensa unicamente a glo- « ria. » (1)

E como é desconsoladora a asperidão d'estas outras escriptas em 1850: « Á excessiva devassidão e « bruteza d'aquelles tempos de trevas uniam (*os da « idade media*) uma crença fervorosa confundida com « superstição extrema. » (2)

Mal hajam os que foram colher espinhos de um espirito fecundo, que só brotára flôres! Mão fim terão os que não deixaram passar fechada, entre os que criam, a *Historia de Portugal*! Porque não vedaram ao povo esse thesouro de axiomas, como lhe é vedada a educação, que deveria preceder o *fiat lux* do Sr. Herculano?

Ahi estão jornaes litterarios e politicos assoalhando a punição do clero: — e que lucraram d'aggravar o escandalo, se uma pagina do proprio preceptor anniquilla as campanudas tiradas dos innocentes mentirosos do seculo XV?!. .

D'hora em diante, ninguem fallará em *Symmytica Lusitana*, nem no additamento 6.<sup>a</sup> lição do *Officio das Chagas*. Até aqui é crível que o E.<sup>mo</sup> Patriarcha, como outro qualquer padre, ignorasse as razões

(1) *Panorama* citado.

(2) *Eu e o Clero* — Pag. 12.

percucientes que o Sr. Herculano tinha para fulminar a refutação do clero. O author da *Historia de Portugal* tudo explica ao seu prelado, explica-lh'o, e depois termina: « Agora (*honra seja feita á prom-  
«pta intelligencia do prelado!*) está V. E.<sup>ma</sup> habi-  
«litado para avaliar se eu procedi com circumspec-  
«ção, guardando silencio ante as refutações, que se  
« me dirigiam pela imprensa. »

Taes refutações teriam mais pezo na critica dos prelados portuguezes que a nota rasoavelmente descrida da *historia de Portugal*? Não é bom de decidir o que vai na intelligencia dos outros, mormente na do E.<sup>mo</sup> cardeal patriarcha, sem que a defesa do clero, subscripta pelo prelado, tenha respondido ao Sr. A. Herculano.

*Defesa* — dissemos nós; porque se houver quem nos convença da incompetencia da censura fulminada por um historiador sem jurisdicção canonica, convença-nos tambem, de que o prelado metropolitano acquiesceu ás invectivas do pulpito, desde o momento que ellas soaram livres, segunda e terceira vez, nas assembléas catholicas.

Á custa mesmo da resignação que é mister para opinar reflexões desfavoraveis ao Sr. Herculano, é forçoso para honra do alto clero, que um tal silencio tenha um brado, frouxo que elle seja, em abono dos tres ou quatro, ou centenares de padres, por mesquinha desventura sua, *cerzidores de farrapos de sermões velhos, inimigos figadaes da lingua, da grammatica, e do senso commum* — como gratuitamente os baptisou o Sr. Herculano. — Vai nessa desigual, mas conscienciosa replica do clero, o interesse da religião, o symptoma da vida sacerdotal, e o ressen-

timento de milhares de ministros do altar. Vai também, no desforço do clero, maior cumulo de gloria para o Sr. Herculaño, cujas palavras, desperdiçadas pelas summidades do clero, não irão com toda a sua gravidade, desmentir o egresso de Braga, o guerrilheiro do Alemtéjo, ou o padre, que imprudentemente accusou o *herege* na sua mesma parochia. Quizeramos que, senão a eloquencia, ao menos o zêlo christão, decidisse entre o completo triumpho do Sr. Herculano, e estas suas palavras: « Omitti a fabula  
« do apparecimento de Christo, como cousa indigna  
« da gravidade da historia, e sob certo aspecto de-  
« masiado irreverente para com o sublime fundador  
« do christianismo.

Convinha pedir a Samuel, a Esdras, a Daniel, e Josias uma explicação destas irreverencias que o proprio Deus se impunha.

A passagem do mar vermelho. A voz do Eterno no alto do Sinay. A suspensão apparente do sol á voz de Josue. O Lazaro que se ergue do tumulo. O Altissimo, que quebra a pedra tumular, no seu erguer-se para o seio do Padre-Eterno. . . — Aos olhos do religioso, que sente compungido a humildade do manso cordeiro, não passaram por irreverentes para com Jesus Christo os actos sobrenaturaes do seu longo martyrio como homem, e, como Deus, os da sua Omnipotencia.

Mais: quizeramos do clero a expressão rigorosa do *milagre absurdo*, para attingirmos o espirital subtil da nomeada que o Sr. Herculano adduz á tradição d'Ourique. Se o *absurdo* contivesse apenas a contradicção comsigo mesmo, ou a opposição com o senso commum, não haveria aqui bastante assump-

to de riso, ainda mesmo *que os adversarios* do Sr. Herculano, *tivessem sustentado com boas razões* historicas o *milagre da apparição*!! É que não ha penetrar sem o raio visual de luminoso talento a intima idéa da expressão que o profundo escriptor adapta, não diremos ao milagre, mas á hypothese do milagre.

E, com tudo, se a religião está ferida nos seus prestigios, não haverá fatalmente quem, d'entre o clero, lhe ministre o balsamo do raciocinio puro, estreme e despreoccupado de hypocrisia?

O clero! . . . esse, a estas horas, envergonha-se da sua mesquinhez, ou acobarda-se na afflictiva situação de quem já sabe que as suas razões serão apupadas nos gremios, nos jornaes, e nos botequins. Os privilegios do talento são admiraveis e muitos: vejam-n'os no Sr. Herculano, que, detraz da sua cortina pythagorica, despediu em harmonia d'eloquentes verdades, o seu folheto tão lido e perfumado em oblações de publico enthusiasmo! Na sua acrimonia de palavras ervadas e dolorosas não transsuda dureza de coração no Sr. Herculano; não é tambem caridade o que ellas nos revellam, mas bem póde ser que d'ahi venham utilidades ao sacerdocio. As maximas dos grandes homens obram o seu effeito, cincoenta annos depois de promulgadas.

Entretanto, não sabemos o que é que tanta compaixão nos implora para a desconsiderada classe dos padres Catholicos em Portugal! É talvez aquelle caridoso sentir do Sr. Herculano, quando, sentado no limiar do egresso, nos dizia as miserias, que lá negrejavam no passadio do infeliz, a quem os philosophos da liberdade esmolavam o sarcasmo e a vilania! . . . . .

.....  
 Tristes e profundas são as nossas convicções. O padre magestoso na sua missão como um symbolo de Deus — não o é já! Arvore desmedulada e coroida no tronco, uma ou outra fronde virente, não dá já sombra para o abrigo do que procura na terra o delegado do ceo. Tambem com este olhar lacrimoso de nossa alma vemos a igreja envolvendo a fronte no veo da sua immensa tristeza. Queremos aspirar desse porvir glorioso para ella; mas, diz-nos a consciencia que murchas flores serão as da grinalda com que esta geração religiosa e poeta lhe corôar a fronte desanuviada! — Este descahir desamparado aggrava-o o desalento de quem devêra chorar sobre Jerusalem antes das suas ruinas. . . Soam-nos ainda aqui os canticos esperançosos de quem não previra este futuro. O Sr. Herculano promettêra-nos a regeneração da boa moral pela observancia das virtudes christã. Fallecem d'esperar os que anceiam esse dia. . . Esperar! de quem? Do Sacerdote! . . . esse deprimem-n'o, ou despresam-n'o; e, nesse abandono a si mesmo, a immoralidade acaricia-o no seu desterro e presta-lhe o regaço que a sociedade lhe não dá.

Ha um homem em Portugal que parecia altear a cruz no cimo do seu fastigio. Foi o Sr. Herculano quando o clero amollecia no seu maldito descoroçoar. D'um tinhamos a esperar quantas esmolas o sabio religioso pôde favorecer a espiritos tremidos na lè; e desalentados na esperança. . . D'outro que tinhamos? por ventura a probabilidade de regenerar-se com o progredir do Christianismo na sua applicação a todos os pensamentos politicos e actos humanos.

« Feliz a intelligencia vulgar e rude que segue

« os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e  
 « na esperança, postos pela Religião além da morte,  
 « sem que um momento vacille, sem que um mo-  
 « mento a luz se apague ou a esperança se desva-  
 « neça » (1).

Esta felicidade tão bem comprehendida por o Sr. Herculano, não era a sua, porque não é a da alma queimada pelo sopro arido da sciencia — « Co-  
 « mo a florinha do campo a alma por onde passou  
 « a procella da philosophia, esse turbilhão transito-  
 « rio de doutrinas, de systemas, d'opinões, d'argu-  
 « mentos, pende desanimada e triste; e na claridade  
 « baça do sceptycismo, que torna pesada e fria a  
 « athmosphera da intelligencia, não póde aquecer-se  
 « aos raios esplendidos do sol d'uma crença viva » (2).

Sentimo-lo tambem nós os que lêmos a carta do Sr. Herculano.

Descremos as virtudes religiosas de nossos avós, por que o Sr. Herculano nos disse *que á excessiva devassidão e bruteza d'aquelles tempos de trevas uniam uma crença fervorosa confundida com superstição extrema.*

Descremos do Catholicismo porque *Roma jurou nas aras de Jupiter Stator o seu exterminio.*

Descremos do triumpho regenerador das virtudes christãs, por que a igreja, *sentindo humedecer-lhe os pés o sangue humano vertido pelo ferro sacerdotal contempla áterrada o futuro.*

Melancolico é o baço clarão de sciencia que vem fulgir-nos ao espirito a luz do *Eu e o Clero.* Verda-

(1) *Panorama* vol. 2.º serie 2.ª pag. 232.

(2) *Panorama* citado.

des amargas não as dulcificam as bellezas da dicção: — ficam, fundem-se, e entalham-se na alma, porque é o Sr. Herculano o que as diz.

Em fim, d'isso que abi está, não escripto por clero, nem fanatico, tirai uma conclusão que nos não dóe: — *E' nas cabeças vãs de sciencia que o Sr. Herculano gera o embrião do scepticismo.* Mas — vós, sabios que o dizeis! — vêde que em Portugal, infelizmente, a vossa sciencia não a tem muitas cabeças. . . E, se podeis — fazei-a valler. . .

Dai-nos a felicidade.

#### ERRATA.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erro</i>	<i>Emenda</i>
9	10	Onde se lê Gregorio IX	Deve lêr-se Gregorio VII

---

1870  
1871  
1872  
1873  
1874  
1875  
1876  
1877  
1878  
1879  
1880  
1881  
1882  
1883  
1884  
1885  
1886  
1887  
1888  
1889  
1890  
1891  
1892  
1893  
1894  
1895  
1896  
1897  
1898  
1899  
1900

1901  
1902  
1903  
1904  
1905  
1906  
1907  
1908  
1909  
1910  
1911  
1912  
1913  
1914  
1915  
1916  
1917  
1918  
1919  
1920  
1921  
1922  
1923  
1924  
1925  
1926  
1927  
1928  
1929  
1930



Sassetti & C<sup>ie</sup> Rua Nova



Establiçcment

LISBOA

Op. 1871.

**J. B. DUNN**

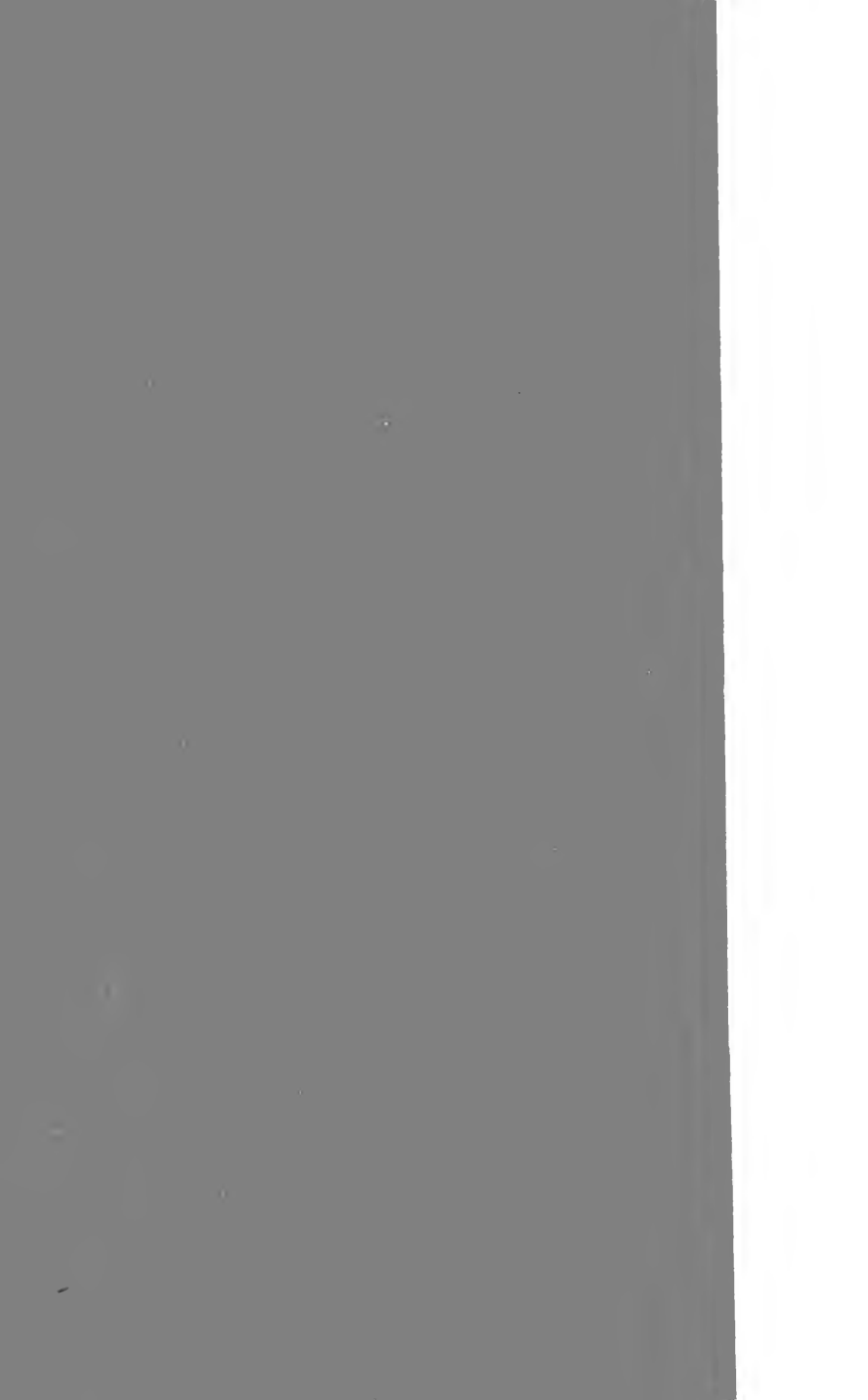
par

**PIA**

pour

de Bel

**Geatrice**



BT  
580  
08H423

O Clero e o Sr. Alexandre  
Herculano

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 08 02 15 024 6